



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# D I Á L O G O

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

— Ó minha Mãi, quem pintou esta paisagem tão bela, de que é moldura a janela desta salinha em que estou!?

!¿ Quem fez a ervinha dos campos, as florinhas do jardim, os astros do céu sem fim, as aves e os pirilampus?!

!¿ Quem pôs nos lagos espelhos, quem fez a água de prata, as pedrinhas da cascata e os lindos peixes vermelhos?!

!¿ Quem acendeu a expressão do teu riso encantador, como um fósforo de côr em noite de S. João?!

!¿ Quem fez o balão da lua e os soldadinhos de chumbo que, com cornêtas e bumbo, passam, tocando, na rua?!...

!¿ Quem fez as cores garridas do sol, do mar, do poente?! Quem fez os milhões de vidas?! Quem pôs neste mundo a gente?!>

— «Foi Deus, filho.»

— «E Deus quem é?!

Onde é que está, minha Mãi?!...»

— «Encontra-se à quem e àlém, oculto na nossa Fé!

Filho, ninguém pode vê-lo, porque é no céu que Ele habita; é na amplidão infinita onde tudo inda é mais belo.



Vê-lo-ás, um dia, depois de dignamente cumprida a tua missão na Vida. Havemos de vê-lo os dois!>

— «Os dois, Mãi?! Com que fervor hei-de, então, num alvorôço, agarrar-me ao seu pescôço, pedir-lhe um grande favor.»

— «Que favor, filho?»

— «Que Deus de ti, ó Mãi, não me aparte; me deixe sempre beijar-te e receber beijos teus!

Pois o Céu do teu sorriso, — (para mim o maior Bem,) é já de si, minha Mãi, a arágem do Paraíso!



# OS NINHOS

////// Por ADELINO DUARTE ALVES ////

**U**MA tarde de primavera passeavam na sua herdade duas meninas em companhia da Avózinha. Toda a natureza estava em festa. O sol inundava as terras com seus jactos de ouro. Uma alfafa de verdura, salpicada de florzinhas mimosas, cobria os vales e os campos. Era, por toda a parte, um espectáculo que deslumbrava os olhos.

As pequenas conversavam e corriam alegremente, ao lado da Avó. De repente, ao dobrar de uma esquina, surpreendeu-as um sussurro de asas que esvoaçavam. E, de entre um maciço de rosas de côr e frescura que deliciava a vista, voaram duas toutinegras.

As pequenas inclinaram-se para a roseira, a-fim de colherem flores para a avó. Mas, de repente, soltaram um



grito de alegria. Que tinham elas visto? Um ninho muito fôfo, tecido maravilhosamente de penas e de arbustos entrelaçados com musgos e palhinhas. Estava oculto entre um tufo de folhagem, suspensa entre as duas hastas da roseira. Dentro dele dois passarinhos, já cobertos de uma penúgem vaporosa como arminho, espreitavam, com os olhitos muito espertos, a reluzirem como lascas de diamantes. As crianças afastaram brandamente os ramos para não assustar os passaritos e exclamaram: — «O' minha avózinha, veja... Nem os príncipes das histórias de fadas, teriam um berço mais bonito!»

«E' verdade, minhas filhas. As aves têm o instinto de beleza! Vivem em plena natureza e por isso são tão artistas. Já reparastes, minhas netas, com que delicadeza estas lindas avezinhas tecem os seus ninhos? Ne-

nhuma de nós seria capaz de imitar a sua arte que é obra do instinto.»

Enquanto este diálogo continuava, os pais dos passaritos vigiavam, de longe, o seu bercinho, pipilando alegremente. E dizia uma das pequenas: — «Como elles percebem que nós não fazemos mal aos ninhos, e se espancam todos contentes!»

— «As aves são muito inteligentes, minhas filhas!» (ensinava a avó). Eu hei-de contar-vos, amanhã, uma história curiosa sobre a vida das aves. Agora vamos visitar a Ana Moleira que está tão pobre e doente.

Seguiram, distraídas e contentes, a caminho do moinho. Mas que triste decepção as esperava na volta!... Num ajuntamento enorme de gente, discutia-se um caso que se havia passado momentos antes. O que havia sucedido?! É que a descoberta do ninho fôra de longe observada por um rapazito que andava a trabalhar lá na herdade.

Mal as meninas e a avó viraram costas, elle roubara o ninho e matara os passaritos. Ao cometer esse crime, fôra surpreendido pelo feitor que corraera até elle para o castigar. O rapaz fugira. E para não ser apanhado, saltara um muro alto. Mas de tal sorte o havia saltado, que caíra e batera com as costas numa pedra, quebrando a espinha. Levaram-no em braços para casa. A mãe, ao vê-lo entrar quasi morto, desatou aos gritos, enquanto, cá em baixo, nas árvores da quinta, outra mãe soltava também a sua queixa em plús tão doloridos que cortavam o coração. Era a pobre toutinegra que, ainda há pouco, trina-va alegremente.

Como ela parecia chorar — diziam as pequenitas enternecidas e desoladas por aquele triste destino do ninho,



que as lindas avezitas tinham tecido nos braços da roseira! E o criminoso que o destruíra, coitado!, expiava a culpa com a vida. Fôra chorando dia a dia. E uma tarde, ao toque das Trindades, agonizava...

A mãe, junto do leito, estalava de dôr, soluçando. O pequeno ia quasi a desfalecer. Mas, de repente, reanimou-se como que por um milagre. As feições tomaram um aspecto de bondade. Até parecia um santo dos das igrejas. Chamou a mãe, abraçou-a, e disse-lhe docemente:

— «Não chore, minha mãe! Eu vou morrer mas peço-lhe que se alegre. A minha morte vai salvar a vida a muitos passarinhos. Pegue lá este papel. Fui eu que o escrevi. Olhe que foi inspiração do céu porque eu não sabia fazer versos. Adeus, minha mãezinha. Mande inscrever estas quadras na minha sepultura.»



E caíu para o lado, sem vida. A pobre mãe chorou durante muito tempo. Mas consolou-se, cumprindo a vontade do filho.

E na campa onde foi sepultado, lia-se este epitáfio, que fôra o último pensamento do pobre rapaz:

«Aqui jaz Manuel da Eira,  
Que matava os passarinhos,  
Morreu de um triste desastre  
Por andar a roubar ninhos.

Reparai bem na lição  
Que esta inscrição triste encerra,  
Guardai-a no coração  
Rapazes da minha terra!»

E foi na verdade uma lição de que aproveitaram os pequenos lá da aldeia. Porque viram no caso sucedido

(Continua na página 3)

# RESPEITAI

## A VELHICE

POR MANUEL FERREIRA



**R**AUL era um menino muito esperto e bondoso. Não lhe consentia o ânimo que alguém trocasse dos velhos e dos aleijados.

Ora, uma tarde, ia êle pela rua fóra... Vinha da escola, alegre e satisfeito por haver dado uma boa lição.

Nisto, viu um bando de rapazes da rua, troçando duma pobre velha que caminhava, a custo, mal se podendo ter de pé.



Gritavam êles:

— «E' velha, anda depressa!...»

Raúl indignou-se. E, dirigindo-se aos rapazes, observou-lhes:

— «Parece impossível que vocês escarneçam duma pobre vèlhinha que mal pode andar!»

A velha, ao ouvir esta exclamação em sua defesa, olhou e viu Raul na atitude de quem exige uma satisfação dos garotos. Então, muito trêmula, ela que era quasi cega, dirigiu-se a Raul, dizendo-lhe:

— «Se o menino soubesse a minha história...»

Alguns rapazes aproximaram-se, em ar de zombaria. E a velha começou:

— «Aqui onde me vêem, meus meninos, já fui nova, alegre e ami-

ga de brincar. Mas... tinha um defeito. Era orgulhosa para os pobres e para os vèlhinhos, tal qual como vocês o são. Mas Deus castigou-me.

Vivi com desafogo. Meus pais morreram num incêndio que destruiu o palacete onde morávamos. Eu consegui salvar-me e fui recolhida em casa duma antiga governante.

Casei, depois, com um homem do mar.

Mas, um dia, dia triste, êle partiu e nunca mais voltou...»

A vèlhota limpou uma lágrima e continuou, ante o silêncio dos rapazes:

— «Fiquei com dois filhos. Um, levou-mo também o mar, em outra tarde de temporal. Ainda parece que o estou a ver. No último dia em que partiu, dizia-me:

— «Adeus, mãe. Não me demoro. Volto para a beijar. E' questão de uma semana...»

Passado tempo, o mar arrojou à praia o barco em que meu filho partira.»

Raúl, comovido, retorquiu:

— «Pronto, boa vèlhinha, não diga mais... Não chore...»

Contudo, a velha continuou, evocando um passado saudoso:

— «Chorei amargamente por ver que o mar me levava o meu filho e não mo restituira. Ficava-me o outro filho... Era um belo rapaz. Trabalhava nas caldeiras de uma fábrica. Mas um dia...»

Ia eu levar-lhe o almôço, como de costume. Nisto, ouvi gritos. Era meu filho que estava em perigo. Corri para êle e, ao vê-lo em chamas, devido a uma explosão, pro-

curei salvá-lo. Não o consegui e quasi fiquei sem a vista.

Tantas desgraças transformaram-me num farrapo. Por isso julgo merecer alguma compaixão.»

Raúl, visivelmente emocionado, dirigiu-se aos rapazes e disse-lhes:

— «Vêem? Não sentem remorso por afligirem e escarnecerem uma pobre e infeliz vèlhinha?»

Os garotos, já também comovidos, receberam, de cabeça baixa, a repreensão de Raúl e balbuciaram:

— «Esteja descansado, menino, que nós nunca mais zombaremos dos velhos e dos pobrezinhos. Nunca mais esqueceremos esta tão triste história.»

## OS NINHOS

(Continuação da pág. 2)

um tremendo castigo. Dali em diante, as toutinegras podiam suspender à vontade os seus ninhos entre a folhagem das roseiras, porque nenhuma mão cruel lhes tocaria para os destruir.

Ao mesmo tempo, a avó e as netas puzeram em tóda a quinta muitos letrinhos que ensinavam os rapazes a respeitar e a amar as aves e os seus ninhos. Pois se êles são tecidos com tão engenhosa delicadeza e ternura... Só quem não pensa no que êles representam de carinho, de graça, de inteligência e canseira, é capaz de os ronbar e destruir.

F I M

## CHARADAS

Decifração das do número anterior:  
1 — gato; 2 — galo; 3 — jumento;  
4 — cadela.

# O CARACOL e o RATO

Por PIRILAMPO

**N**AQUELA manhã de verão, mestre Caracol, deitando os paizinhos de fora, sonolento, espreguiçou-se:

— «Ih! O sol já vai tão alto!...

Querem ver que são horas para o almoço? Vamos lá dar uma passeata antes de ir à horta. Como o dr. Grilo me recomendou um passeio antes das refeições...»

Saiu do penedo onde residia. Muito perto ficava a toca do rato, um maroto que, todos os dias, arrelviava o bichano do celeiro próximo.

O Caracol, que era muito bondoso, não podia levar à paciência o mau carácter do companheiro. Repreendia-o e, por tal motivo, o rato odiava o caracol, procurando sempre ocasiões para se vangloriar.

Nesse dia, o rato estava à porta, a ler o jornal e, ao ver passar o caracol, intrometeu-se com o vizinho:

— «Olá, amigo. Onde vai com a casinha às costas?»

— «Passear aqui pertinho... Olhe, vou acima daquele ramo, porque dali se alcança uma bela vista. E sempre se conversa um pouco com a comadre Minhoca.»



O rato deixou a leitura do jornal e começou a zombar do caracol:

— «Estou a ver que, com esse passo, o vizinho nunca mais lá chega...»

— «Devagarinho se vai ao longe. Olhe que, às vezes, nem por se levar

muita pressa se chega mais cedo a qualquer lado.»

O maroto do rato disse, então:

— «Vem aqui no jornal uma notícia engraçada: — que, num cantinho da horta, está um tesouro para aquele que chegar lá primeiro. Você quer tentar o desafio?»

— «Porque não?!... Quem sabe. Talvez ganhe.» — respondeu o caracol. Fez-se a corrida.

O caracol, sossegadamente, saiu do seu buraquinho, em direcção à horta enquanto o rato desatava numa carreira desenfiada. Mas, a meio do caminho, quando menos o esperava, apareceu o bichano e era uma vez um rato.

O caracol, muito tempo depois, chegou finalmente à horta. Esperou pelo vizinho mas em vão. Só quando, no regresso, encontrou a cauda e uma orelha do rato, é que compreendeu as suas intenções.

*Devagar se vai ao longe...*

## A ADVERTENCIA INGENUA



I — Em certa pastelaria «Bébé» entra com a tia e ao sentar-se, logo pede leitinho para a «Bébé» e para si um «glacé» pois está cheia de sede.

II — A «Bébé», olhando em torno, bebe o seu leitinho morno, enquanto a tia, encontrando alguém que há muito não vê, esquecida do «glacé», começa tagarelando.

III — Então Bébézinho vendo que ela não bebe e querendo evitar-lhe uma arrelia, diz-lhe ingenuamente; — «ó tia, vá conversando e bebendo olhe que o «glacé» esfria!»

# A ESPERTEZA do ZÈZINHO



I— O nosso herói, o Zèzinho, que num quarto andar morava, era o dono dum gatinho, que muito e muito estimava.

II— Vendo um dia uma varina, com sua canastra cheia, na rua, dobrando a esquina, Zèzinho teve uma ideia.

III— Ata-lhe um fio à cintura e, amarrando-o como um feixe, lança-o, dessa grande altura, sôbre a canastra com peixe.



IV— Mas o vizinho que mora no segundo andar do prédio, vai buscar uma tesoura para entreter o seu tédio

V— e zás... cortando o cordel que pendurava o bichano, e a rir, pespega com êle na canastra, sôbre o pano.

VI— Entretanto, ao ser chamada a peixeira a uma freguêsa, direito à sua morada, põe-se o gato na «pireza».



VII— Corre atrás dele o peixeira com a canastra vazia e modos de regateira, numa enorme gritaria.

VIII— Sob a escada, atrás do gato, e à porta do nosso herói, faz um grande espalhafato... Pergunta a Mãe:

IX— E após grande discussão, era já quasi de noite, nosso Zèzinho pimpão apanha um valente açoite.

— «O que foi?!...»

# A ROSA e o MALMEQUER

Por MANUEL FERREIRA

**E**M certo jardim florido,  
existia uma roseira  
de tronco enorme, comprido,  
orgulhosa e sobranceira.

Tinha a roseira em questão  
— tôda ela era um primôr —  
uma rosa, inda em botão,  
que era linda, multicôr.

A rosa cresceu, medrou;  
mas, por ser muito orgulhosa,  
logo uma alcunha alcançou:  
era a rosinha vaidosa.

Muito perto da roseira,  
humilde, despezadinho,  
vivia, à sua maneira,  
um malmequer pòbrezinho.

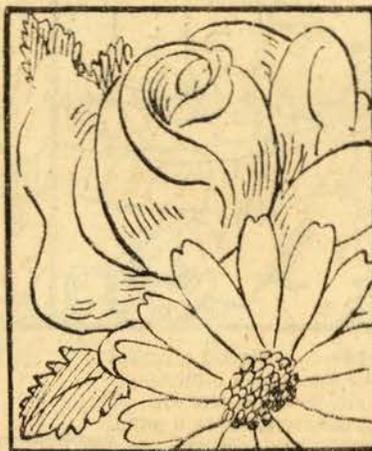
Disse para o malmequer,  
logo, a rosa vaidozinha:  
— «¿Pois atreves-te a crescer  
ao pé da tua rainha?!

Ès uma flôr tão rasteira,  
sem graça, sem importância...  
Olha esta minha roseira...  
Que beleza, que elegância!

¿Porque andas tu sempre só,  
vivendo com humildade,  
sujo, coberto de pó,  
sem pontinha de vaidade?

Sou, das flores, a princêsa,  
lisonjeiam-me, afinal,  
por eu ter tanta beleza,  
por ser rosa sem igual.»

O malmequer, tristemente,  
chorava muito baixinho.



Entanto, amigavelmente,  
segreda-lhe o seu vizinho,

uma outra planta rasteira:  
— «Deixa, não chores assim.  
Ela, por ser sobranceira,  
há-de ter sorte ruim!»

Assim foi. Pela tardinha,  
a dona do roseiral,  
quiz encher uma jarrinha  
com flores do seu quintal.

Viu a rosinha formosa  
e logo a mão lhe deitou,  
colhendo, assim, a vaidosa  
que, em pouco tempo, secou.

E o malmequer lá viveu  
semanas, meses sem fim...  
Por ser bom, quando morreu,  
pôs luto todo o jardim.

F

I

M

## CONCURSO dos BICHOS

PREMIADOS E CLASSIFICADOS



Suzette Samora  
Faustino



Antonio Celestino  
Cidrais Dentes



Maria Manuela Cidrais  
Dentes



Julio Rodrigues



Maria Eugenia Santos  
Nacho

# O CESTINHO da COSTURA

## SECÇÃO PARA MENINAS

POR ABELHA MESTRA



Minhas queridas Abelhinhas

A Manuela, uma menina de 6 anos, de uma alegria estouvada, a-pesar-de possuir um belo coração, tem uma cabecinha que está sempre a pensar, a magicar e, como é natural... muita vez pensa asneira!

Veio, hoje, fazer-me uma visita que eu muito apreciei. Mas imaginem vocês de que se havia ela de lembrar?

Foi meter-se na capoeira dos pintos e dos coelhos! Coitadinho dos bichos que, claro está, ficaram estafados de tantas correrias!

Depois dispunha-se a fazer uma enorme colheita de folhas, de uma linda trepadeira que tenho no meu jardim. Era um belo presente que ela julgava dar aos pintainhos! Mas, graças a Deus, eu apareci a tempo. Quando cheguei, ela sentiu-se apanhada e, assim surpreendida, num gesto ins-

tintivo, deitou as folhas para o chão, julgando ocultar a sua maldade.

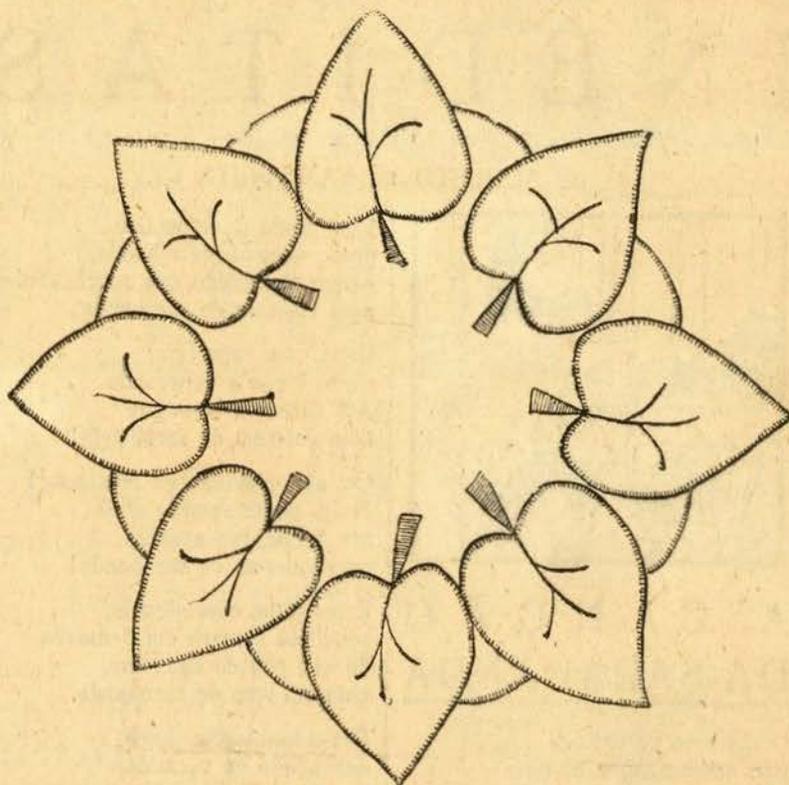
As folhas eram oito e caíram tão bem que, só com um leve jeitinho, formaram o desenho que estão vendo.

E, no fim, ainda tive de lhe agradecer com um grande beijo a maldade que me deu esta inspiração! Mas conse-

gui obter a promessa de não tocar mais na pobre trepadeira. E agora, sôbre linho branco, vamos bordar estas folhinhas a verde, com um pontinho de recorte.

Recebam um grande abraço da vossa amiguinha

*Abelha Mestreira.*



## CONCURSO dos BICHOS

PREMIADOS E CLASSIFICADOS



Jorge Carreira  
Fiorindo



Maria Leonor F.  
Oliveira



Manuel dos Santos  
Alveirinho



Maria Lucilla Sousa  
Mendes



António Henriques  
da Silva

# 4 CANÇÕES INÉDITAS

DE AUGUSTO DE SANTA-RITA



## A CANÇÃO DA SARABANDA

O sol bate na vidraça...  
E o menino, na varanda,  
olha quem na rua passa  
num vai-vem de sarabanda.

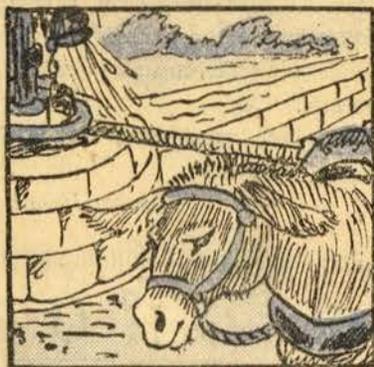
Vem gente daquele lado,  
gente vem daquela banda,  
—que engraçado, que engraçado!—  
num vai-vem de sarabanda.

Rapazes e raparigas,  
gente idosa e veneranda...  
Até parecem formigas  
num vai-vem de sarabanda!

Oh, que gracinha eu lhes acho!  
Muita gente sempre anda,  
rua acima, rua abaixo,  
num vai-vem de sarabanda!

E ao vê-la, com alegria,  
seguindo sempre em demanda  
do seu pão de cada dia,  
num vai-vem de sarabanda.

Diz o menino, a sorrir,  
debruçado na varanda:  
—«Quem me deça também ir  
no vai-vem da sarabanda!»



## A CANÇÃO DA NORA

—«Porque será que a nora chia... chia?!...»

A nora chia... chia... chia... chia!...

E, ao puxá-la, o jumento,  
pachorrento,  
de si para si dizia,  
sentindo o seu sofrimento:

—«Porque será que a nora chia... chia?!...»

—«Porque será que a nora geme tanto?!  
Porque será que a nora  
tanto chora,  
vertendo tão farto pranto  
aõ deitar a agulhinha fora?!...»

E a nora chia... chia... chia... chia!...



## CANÇÃO DO GATINHO ao SOL

Gatinho, ao sol, no telhado,  
—«Ron-ron...»  
dorme um sono descansado  
e bom.

Passa rente uma andorinha...  
Vôa, vôa,  
num rumo que se adivinha  
à toa!

Riscando o Céu, qual centelha,  
a asa  
passa veloz sôbre a telha  
em brasa.

E o gatinho, no telhado,  
«Ron-ron...»  
dorme um sono descansado  
e bom!



## O QUE SERÁ?...

Lá vem, lá vem o papá  
com um embrulho comprido...

Que será  
o presente prometido?!

Que será?!...»

Que surpreza me trará  
naquele embrulhinho pardo?!

Que será?!!

De ansiedade todo eu ardo!  
Que será?!!

O que será, que será?!...  
Já desembulha o presente  
o papá.

E o menino, de contente,  
só diz: — «Ah!...»